

## Machado de Assis: vida e obra

### Resumo

---

Joaquim Maria Machado de Assis é um dos maiores nomes da literatura brasileira. De origem humilde e mestiça, o carioca, gago e epilético, nascido no Morro do Livramento, atuou como jornalista, cronista, crítico, dramaturgo e poeta, superando os preconceitos através de seu inegável talento autodidata. O primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras é o principal nome do Realismo brasileiro, mas sua obra deixou um legado para diferentes estilos e gêneros literários.

No início de sua carreira, apostou em textos mais tradicionais, mas logo foi desenvolvendo um estilo muito particular de produção literária com fortes influências de Almeida Garrett, romancista português. Sua extensa produção inspirou grandes nomes – como Olavo Bilac e Lima Barreto – e ainda inspira escritores contemporâneos.

Em 1855, publica o poema “Ela” e ingressa num mundo do qual nunca mais sairia: o das letras. Dono de um estilo original e reticente que transborda humor pessimista, ironia e profunda observação psicológica de suas personagens, Machado presenteou nossa literatura com obras singulares. Como não se intrigar com o “defunto autor” contando suas memórias póstumas? Como não se envolver com as questões psicoexistenciais e tendenciosas sobre um suposto triângulo amoroso? Machado é atemporal pela forma com a qual ele trata as questões em seus romances. Dentre as questões sem resposta que perpassam a existência da humanidade, uma delas foi trazida pelo autor: *Capitu traiu Bentinho ou não?*

Leia um trecho do Capítulo I de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicado pela primeira vez em 1881:

#### Óbito do Autor

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo; diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia - peneirava - uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa idéia no discurso que proferiu à beira de minha cova: —“Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a

natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que tem honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado.

Sugestões de leitura:

Memórias Póstumas de Brás Cubas (Romance)

Dom Casmurro (Romance)

A Carteira (Conto)

A Cartomante (Conto)

Pai contra mãe (Conto)

---

Quer ver este material pelo Dex? Clique [aqui](#)

## Exercícios

---

1. Joaquim Maria Machado de Assis, cronista, contista, dramaturgo, jornalista, poeta, romancista, crítico e ensaísta, nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839. Filho de um operário mestiço de negro e português, Francisco José de Assis, e de D. Maria Leopoldina Machado de Assis, aquele que viria a tornar-se o maior escritor do país e um mestre da língua, perde a mãe muito cedo e é criado pela madrastra, Maria Inês, também mulata, que se dedica ao menino e o matricula na escola pública, única que frequentou o autodidata Machado de Assis.

Considerando os seus conhecimentos sobre os gêneros textuais, o texto citado constitui-se de

- a) fatos ficcionais, relacionados a outros de caráter realista, relativos à vida de um renomado escritor.
- b) representações generalizadas acerca da vida de membros da sociedade por seus trabalhos e vida cotidiana.
- c) explicações da vida de um renomado escritor, com estrutura argumentativa, destacando como tema seus principais feitos.
- d) questões controversas e fatos diversos da vida de personalidade histórica, ressaltando sua intimidade familiar em detrimento de seus feitos públicos.
- e) apresentação da vida de uma personalidade, organizada sobretudo pela ordem tipológica da narração, com um estilo marcado por linguagem objetiva.

### Texto para as questões 2 e 3

“Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto que o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; o segundo é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo.”

**Memórias póstumas de Brás Cubas. Machado de Assis.**

2. Essa é a abertura do famoso romance de Machado de Assis. Dentro desse contexto, já dá para se ver o tipo de narrativa que será explorada. Assinale a alternativa correta a esse respeito.
- a) A narrativa decorre de forma cronologicamente correta, de acordo com a passagem do tempo: infância, juventude, maturidade e velhice.
  - b) A linearidade das ações apresenta cenas de suspense, dado o comportamento inusitado dos personagens.
  - c) Não há como prever o final da narrativa, já que seu enredo é, propositadamente, complicado.
  - d) A ação terá, como cenário, os diversos centros cosmopolitas do mundo.
  - e) O autor usa o recurso do flashback devido a sua intenção de iniciar o romance pelo “fim”.

3. Em relação à questão anterior, infere-se que a linguagem dispõe de um recurso enriquecedor: a disposição das palavras no espaço frasal. Sendo assim, que tipo de leitura pode-se fazer dessas duas expressões: “autor defunto” e “defunto autor”?
- a) A colocação da palavra defunto após a palavra autor leva-nos a pensar que o segundo elemento está em fase final de carreira.
  - b) Defunto autor remete à ideia de que a pessoa irá escrever suas memórias dentro de um cemitério.
  - c) Ambas as expressões transmitem a mesma ideia, com iguais valores semânticos.
  - d) A expressão defunto autor aparece de forma metaforizada, original, privilegiando uma nova forma de narração autobiográfica.
  - e) Ambas as construções não têm expressão na obra biográfica de Machado de Assis.
4. Mas, como digo, a mais engenhosa de todas as nossas experiências, foi a de Diogo Meireles. Lavrava então na cidade uma singular doença, que consistia em fazer inchar os narizes, tanto e tanto, que tomavam metade e mais da cara do paciente, e não só a punham horrenda, senão que era molesto carregar tamanho peso. Conquanto os físicos da terra propusessem extrair os narizes inchados, para alívio e melhoria dos enfermos, nenhum destes consentia em prestar-se ao curativo, preferindo o excesso à lacuna, e tendo por mais aborrecível que nenhuma outra coisa a ausência daquele órgão. Diogo Meireles, que desde algum tempo praticava a medicina, segundo ficou dito atrás, estudou a moléstia e reconheceu que não havia perigo em desnarigar os doentes, antes era vantajoso por lhes levar o mal, sem trazer fealdade, pois tanto valia um nariz disforme e pesado como nenhum; não alcançou, todavia, persuadir os infelizes ao sacrifício. Então, ocorreu-lhe uma graciosa invenção. Assim foi que, reunindo muitos físicos, filósofos, bonzos, autoridades e povo, comunicou-lhes que tinha um segredo para eliminar o órgão; e esse segredo era nada menos que substituir o nariz achacado por um nariz são, mas de pura natureza metafísica, isto é, inacessível aos sentidos humanos, e contudo tão verdadeiro ou ainda mais do que o cortado; cura esta praticada por ele em várias partes, e muito aceita aos físicos de Malabar. O assombro da assembleia foi imenso, e não menor a incredulidade de alguns, não digo de todos, sendo que a maioria não sabia em que acreditar, pois se lhe repugnava a metafísica do nariz, cedia, entretanto, à energia das palavras de Diogo Meireles, ao tom alto e convencido com que ele expôs e definiu o seu remédio.

ASSIS, Machado de. *O Segredo do Bonzo*. Papéis Avulsos. Disponível em: . Acesso em: 14 set. 2016. Adaptado.

O fragmento do conto “O Segredo do Bonzo”, de Machado de Assis, revela

- a) uma censura aos médicos que, por não conhecerem o verdadeiro diagnóstico de uma patologia, inventam soluções terapêuticas absurdas e arriscadas.
- b) a vaidade humana diante da possibilidade, ainda que abstrata, de receber um nariz mais bonito do que o congênito, ora disforme pela enfermidade.
- c) a ausência de posicionamento crítico do povo e também de autoridades sociais diante de discursos envolventes, mas sem qualquer comprovação científica.
- d) os interesses escusos de alguns profissionais da saúde que, mesmo sabendo que não há necessidade de intervenção cirúrgica, põem seus pacientes em risco.
- e) o desdém manifesto por uma sociedade que está mais preocupada com a aparência do que com a essência a ponto de se convencer da eficácia do remédio proposto por Diogo Meireles.

5. O romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* é considerado um divisor de águas tanto na obra de Machado de Assis quanto na literatura brasileira do século XIX. Indique a alternativa em que todas as características mencionadas podem ser adequadamente atribuídas ao romance em questão.
- a) Rejeição dos valores românticos, narrativa linear e fluente de um defunto autor, visão pessimista em relação aos problemas sociais.
  - b) Distanciamento do determinismo científico, cultivo do humor e digressões sobre banalidades, visão reformadora das mazelas sociais.
  - c) Abandono das idealizações românticas, uso de técnicas pouco usuais de narrativa, sugestão implícita de contradições sociais.
  - d) Crítica do realismo literário, narração iniciada com a morte do narrador-personagem, tematização de conflitos sociais.
6. O romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, faz significativo uso da linguagem figurada, o que dá ao texto uma fina dimensão estética. Assim, indique a alternativa em que o fragmento não está corretamente classificado de acordo com a figura que nele ocorre.
- a) Deixa lá dizer Pascal que o homem é um caniço pensante. Não; é uma errata pensante, isso sim. – metáfora.
  - b) E estando a recordá-lo, ouço um ranger de porta, um farfalhar de saias. – onomatopeia.
  - c) Quincas Borba não só estava louco, mas sabia que estava louco, e esse resto de consciência, como uma frouxa lamparina no meio das trevas, complicava muito o horror da situação. – eufemismo.
  - d) Marcela morria de amores pelo Xavier. Não morria, vivia. Viver não é a mesma coisa que morrer. – Antítese.

**7. Capítulo LIV – A pêndula**

Saí dali a saborear o beijo. Não pude dormir; estirei-me na cama, é certo, mas foi o mesmo que nada. Ouvi as horas todas da noite. Usualmente, quando eu perdia o sono, o bater da pêndula fazia-me muito mal; esse tique-taque soturno, vagaroso e seco parecia dizer a cada golpe que eu ia ter um instante menos de vida. Imaginava então um velho diabo, sentado entre dois sacos, o da vida e o da morte, e a contá-las assim:

- Outra de menos...
- Outra de menos...
- Outra de menos...
- Outra de menos...

O mais singular é que, se o relógio parava, eu dava-lhe corda, para que ele não deixasse de bater nunca, e eu pudesse contar todos os meus instantes perdidos. Invenções há, que se transformam ou acabam; as mesmas instituições morrem; o relógio é definitivo e perpétuo. O derradeiro homem, ao despedir-se do sol frio e gasto, há de ter um relógio na algibeira, para saber a hora exata em que morre. Naquela noite não padeci essa triste sensação de enfado, mas outra, e deleitosa. As fantasias tumultuavam-me cá dentro, vinham umas sobre outras, à semelhança de devotas que se abalroam para ver o anjo-cantor das procissões. Não ouvia os instantes perdidos, mas os minutos ganhados.

**ASSIS, M. Memórias póstumas de Brás Cubas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992 (fragmento).**

O capítulo apresenta o instante em que Brás Cubas revive a sensação do beijo trocado com Virgília, casada com Lobo Neves. Nesse contexto, a metáfora do relógio desconstrói certos paradigmas românticos, porque

- a) o narrador e Virgília não têm percepção do tempo em seus encontros adúlteros.
- b) como “defunto autor”, Brás Cubas reconhece a inutilidade de tentar acompanhar o fluxo do tempo.
- c) na contagem das horas, o narrador metaforiza o desejo de triunfar e acumular riquezas.
- d) o relógio representa a materialização do tempo e redireciona o comportamento idealista de Brás Cubas.
- e) o narrador compara a duração do sabor do beijo à perpetuidade do relógio.

8. Talvez pareça excessivo o escrúpulo do Cotrim, a quem não souber que ele possuía um caráter ferozmente honrado. Eu mesmo fui injusto com ele durante os anos que se seguiram ao inventário de meu pai. Reconheço que era um modelo. Arguíam-no de avareza, e cuida que tinham razão; mas a avareza é apenas a exageração de uma virtude, e as virtudes devem ser como os orçamentos: melhor é o saldo que o déficit. Como era muito seco de maneiras, tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro. O único fato alegado neste particular era o de mandar com frequência escravos ao calabouço, donde eles desciam a escorrer sangue; mas, além de que ele só mandava os perversos e os fujões, ocorre que, tendo longamente contrabandeado em escravos, habituara-se de certo modo ao trato um pouco mais duro que esse gênero de negócio requeria, e não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais. A prova de que o Cotrim tinha sentimentos pios encontrava-se no seu amor aos filhos, e na dor que padeceu quando morreu Sara, dali a alguns meses; prova irrefutável, acho eu, e não única. Era tesoureiro de uma confraria, e irmão de várias irmandades, e até irmão remido de uma destas, o que não se coaduna muito com a reputação da avareza; verdade é que o benefício não caíra no chão: a irmandade (de que ele fora juiz) mandara-lhe tirar o retrato a óleo.

ASSIS, M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992

Obra que inaugura o Realismo na literatura brasileira, *Memórias póstumas de Brás Cubas* condensa uma expressividade que caracterizaria o estilo machadiano: a ironia. Descrevendo a moral de seu cunhado, Cotrim, o narrador-personagem Brás Cubas refina a percepção irônica ao

- a) acusar o cunhado de ser avarento para confessar-se injustiçado na divisão da herança paterna.
  - b) atribuir a “efeito de relações sociais” a naturalidade com que Cotrim prendia e torturava os escravos.
  - c) considerar os “sentimentos pios” demonstrados pelo personagem quando da perda da filha Sara.
  - d) menosprezar Cotrim por ser tesoureiro de uma confraria e membro remido de várias irmandades.
  - e) insinuar que o cunhado era um homem vaidoso e egocêntrico, contemplado com um retrato a óleo
9. Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo: a diferença radical entre este livro e o Pentateuco.”

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

No fragmento, o autor afirma que:

- a) vai começar suas memórias pela narração de seu nascimento.
- b) vai adotar uma sequência narrativa invulgar.
- c) que o levaram a escrever suas memórias foram duas considerações sobre a vida e a morte.
- d) vai começar suas memórias pela narração de sua morte.
- e) vai adotar a mesma sequência narrativa utilizada por Moisés.

**10. CAPÍTULO II  
O EMPLASTO**

Com efeito, um dia de manhã, estando a passear na chácara, pendurou-se-me uma ideia no trapézio que eu tinha no cérebro. Uma vez pendurada, entrou a bracejar, a pernear, a fazer as mais arrojadas cabriolas de volatim que é possível crer. Eu deixei-me estar a contemplá-la. Súbito, deu um grande salto, estendeu os braços e as pernas, até tomar a forma de um X: decifra-me ou devoro-te. Essa ideia era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplastro anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade. Na petição de privilégio que então redigi, chamei a atenção do governo para esse resultado, verdadeiramente cristão. Todavia, não neguei aos amigos as vantagens pecuniárias que deviam resultar da distribuição de um produto de tamanhos e tão profundos efeitos. Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influiu principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: Emplasto Brás Cubas. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas. Talvez os modestos me argúam esse defeito; fio, porém, que esse talento me hão de reconhecer os hábeis. Assim, a minha ideia trazia duas faces, como as medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: — amor da glória. Um tio meu, cônego de prebenda inteira, costumava dizer que o amor da glória temporal era a perdição das almas, que só devem cobiçar a glória eterna. Ao que retorquia outro tio, oficial de um dos antigos terços de infantaria, que o amor da glória era a coisa mais verdadeiramente humana que há no homem, e, conseqüentemente, a sua mais genuína feição. Decida o leitor entre o militar e o cônego; eu volto ao emplasto.

**ASSIS, Machado. Memórias póstumas de Brás Cubas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.**

Em relação ao discurso do narrador, no capítulo II, predomina:

- a) a ironia.
- b) a melancolia.
- c) o pessimismo.
- d) o tradicionalismo.
- e) o naturalismo.



## Gabarito

---

1. **E**  
Por se tratar da narração de aspectos pessoais de uma personalidade pública (um texto biográfico), entende-se que a alternativa E responde corretamente a questão.
2. **E**  
Por se tratar de uma história contada por um defunto-autor, o recurso de flashback explora as lembranças do narrador, que já falecido narra sua vida.
3. **D**  
Aqui, explora-se a forma metaforizada de “defunto-autor” para que se perceba uma nova maneira de se contar ou escrever uma biografia.
4. **C**  
No fragmento de texto, há a passagem “ físicos, filósofos, bonzos, autoridades e povo”, logo a maior parte das pessoas ouviu o discurso inflamado, porém não o questionavam nem exigiam a prova científica, mostrando, assim, ausência de posicionamento crítico.
5. **C**  
O romance de Machado de Assis é uma ruptura com as idealizações românticas e apresenta características particulares do autor que inovou a forma narrativa e questionou constantemente os valores sociais humanos.
6. **C**  
Em “como uma frouxa lamparina no meio das trevas” ocorre uma comparação indicada pelo termo “como”. O Eufemismo é uma figura de linguagem em que há intenção de amenizar a mensagem dita.
7. **D**  
As batidas do relógio desconstroem uma possível idealização romântica, pois evidenciam a preocupação de Brás Cubas com o tempo e a sua materialização.
8. **B**  
O narrador-personagem Brás Cubas refina a percepção irônica quando fala da maneira como Cotrim tratava os escravos, que eram mantidos no calabouço, justamente para mostrar que ele não “possuía um caráter ferozmente honrado”.
9. **D**  
O narrador se autointutula um “defunto-autor” exatamente porque começa a narrar sua história depois de sua morte.
10. **A**  
Esse capítulo não se distingue do tom do livro Memórias Póstumas de Brás Cubas, apresentando um forte grau de ironia. Em “O emplasto”, o autor ironiza a obsessão da personagem em tornar-se alguém memorável, digno de memórias, que busca criar um medicamento com a intenção de obter lucro e glória, ao invés de querer de fato ajudar no avanço da saúde.